

LETRAMENTOS DE REEXISTÊNCIA POESIA, GRAFITE, MÚSICA, DANÇA: HIP-HOP

Maurício Silva é doutor em Letras Clássicas e Vernáculas pela Universidade de São Paulo e professor de mestrado e doutorado na Universidade Nove de Julho/SP.

Email: maurisol@gmail.com

Entre as muitas inovações que o mundo contemporâneo pôde – para o bem ou para o mal – oferecer à ciência, figuram com singular produtividade os estudos acerca da cultura popular, que, cada vez mais, adquirem uma até então improvável aura de pesquisa acadêmica. E o estudo – em muitos sentidos, exemplar – de Ana Lúcia Souza (*Letramento da Reexistência. Poesia, Grafite, Música, Dança: Hip-Hop*. São Paulo, Parábola, 2011) só vem confirmar essa assertiva...

A autora começa lembrando que o termo *hip-hop* se refere a um “movimento social juvenil urbano enraizado no segmento populacional de baixo poder aquisitivo, a maioria negra e jovem” (p. 15), que ganha força, primeiro, nos Estados Unidos a partir da década de 1970, espalhando-se, em seguida, para outras partes do mundo, inclusive o Brasil. Marcado, sobretudo, pela “reflexão e crítica que faz em relação às desigualdades sociais e raciais” (p. 15), utiliza-se dos gestos, escritas, imagens etc., apoiando-se em quatro figuras artísticas: o/a mestre/a de cerimônia (MC), o/a disc-jóquei (DJ), o/a dançarino/a (b.boy/b.girl) e o/a grafiteiro/a. Sua face mais expressiva, contudo, encontra-se no *rap*, poesia cantada que nasce a partir da junção do MC e do DJ. Além disso, o *hip-hop* revela-se como um espaço de uso social da linguagem, envolvendo, portanto, práticas de letramento.

O objetivo do livro, portanto, é estudar como se dão essas práticas de letramento no meio cultural do *hip-hop* e como se configuram as identidades sociais de seus agentes, na periferia de São Paulo, pesquisa feita tanto por meio de *rodas de conversa* (questionários, entrevistas coletivas etc.), quanto por meio de escritas autobiográficas e outros modos de apreensão da realidade observada. Apoiando-se nos estudos sobre os letramentos múltiplos e heterogêneos – que atribuem uma perspectiva sociocultural às práticas de letramento –, aliados às contribuições dos estudos culturais e da visão bakhtiniana da linguagem, a autora observa que tais perspectivas se expressam tanto nos meios escolarizados como em processos de espaços de aprendizagem em distintas esferas, além do fato de o *hip-hop* recombinar, sem hierarquizar, os multiletramentos, reinventando os usos sociais da linguagem. É o que Ana Lúcia Souza chama de *letramentos de reexistência*:

“os letramentos de reexistência mostram-se singulares, pois, ao capturarem a complexidade social e histórica que envolve as práticas cotidianas de uso da linguagem, contribuem para a desestabilização do que pode ser considerado como discursos já cristalizados em que as

práticas validadas sociais de uso da língua são apenas as ensinadas e aprendidas na escola formal” (p. 36).

A autora lembra que, como resultado de um sistema educacional segregacionista, as práticas de letramento baseadas na oralidade são marginalizadas, em favor do modelo europeu do letramento escrito, o que atinge particularmente as comunidades afrodescendentes, cuja cultura se apóia, em grande parte, na oralidade:

“para ser leitor, dentro de um processo em que a palavra escrita é européia e responde às teorias racistas vigentes, é preciso embranquecer. As leituras de negros e mestiços, marcadamente influenciadas pela tradição oral desvalorizada, juntamente com seu corpo de descendência africana, não têm lugar, valor algum se comparadas aos valores da leitura e da escrita ensinados na escola, ou fora dela” (p. 40).

A autora destaca, portanto, a dimensão educativa do *hip-hop* comprometida em “recriar, de maneira singular, as práticas culturais e educacionais que marcam o movimento social negro nas diferentes épocas, desde a chegada dos negros africanos no Brasil” (p. 43).

Analisando o *hip-hop* sob a perspectiva do movimento diaspórico e como manifestação urbana cosmopolita, a autora trata das raízes históricas do movimento, associando-o, inclusive, à tradição oral dos *griots* africanos, como se pode perceber nas atividades desenvolvidas pelos *rappers*, que procuram – em suas narrativas – tematizar aspectos sociais, políticos e econômicos do cotidiano.

Tendo ganhado dimensão universal nos Estados Unidos das décadas de 1960 e 1970, o movimento *hip-hop* desenvolve-se no Brasil na passagem dos anos 70 aos 80, em meio às reivindicações do movimento negro e da crítica ao racismo. Nos anos 90, explicitam-se as relações do movimento com formas de luta e resistência, relacionadas à cultura e à festividade, mas também se filiando à noção de educação, em sentido amplo, ocupando inclusive espaço de educação formal e não formal. São, em última instância, manifestações explícitas de letramento, na medida em que buscam, por meio da linguagem, apropriar-se de saberes socialmente construídos: “participar do *hip-hop* tem significado aprender a inserir-se no universo letrado, alterando as imagens neutralizadas sobre as práticas de letramento dos jovens de periferia, dos jovens negros e pobres” (p. 80). Daí também, como se aludiu há pouco, seu vínculo com a educação em geral: “o movimento *hip-hop* pode ser considerado como um espaço de práticas que, sem ser fixo ou suficientemente institucionalizado, engendra possibilidades de usos da linguagem em práticas letradas” (p. 82).

A autora analisa, finalmente, as narrativas pessoais dos ativistas da cultura *hip-hop* (para muitos deles, como se verifica em seus relatos, a escola é um espaço de sociabilidade, e o movimento *hip-hop* desempenhou um papel de combate à violência), sua constituição como *agentes de letramento*, sua vinculação com práticas próprias do movimento, que

podem ser associadas a práticas de letramento (*fanzine, rap*) etc. Para a autora, o *hip-hop* é tomado por estes jovens como um

“engajamento significativo que faz emergir questões como a coletividade sustentando as formas de reexistir e o contato com diversas práticas de leitura. Isso possibilitou que as redes criadas se transformassem em fios que, de maneira heterogênea, foram sendo entrelaçados, para dar sentido às suas escolhas e para demarcar identificações e diferenciações com determinados grupos, constituindo suas identidades sociais” (p. 99).

Estendendo sua análise, ainda, às manifestações mais específicas do universo abordado, como o *rap*, ou discutindo controvérsos conceitos, como o de *raça negra*, Ana Lúcia Souza nos oferece um competente painel de algumas das possíveis relações entre o *hip-hop* e as práticas educacionais, como o letramento, tornando-se leitura indispensável aos interessados no assunto.

Referência

SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Letramentos de Reexistência. Poesia, Grafite, Música, Dança: Hip-Hop.** São Paulo, Parábola, 2011.

